

ARTIGO

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA MOBILIDADE HUMANA NA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA

Resumo

Esse artigo é um recorte de nossa tese de doutoramento na qual abordamos as principais dinâmicas migratórias observadas na Amazônia na última década e a sua importância para a compreensão dos processos de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais da região. Tais mudanças se fazem notar em todos os setores da sociedade a ponto de ser quase impossível pensar a Amazônia sem levar em consideração as migrações internas e internacionais que conferem à região uma mobilidade humana intensa. As dinâmicas migratórias envolvem todas as dimensões da sociabilidade e representam mais uma possibilidade de leitura e interpretação da Amazônia inserida na complexidade do fenômeno da migração interna e internacional em suas variadas dimensões. Os deslocamentos contemporâneos fazem circular novas bases de produção, transferências de tecnologias e conhecimentos.

Palavras- Chave:

Amazônia. Dinâmicas migratórias. Mudanças. Mobilidade humana.

Abstract

This article is an excerpt of our doctoral thesis in which we discussed the main migration dynamics observed in the Amazon over the past decade and its importance for the understanding of the processes of social, political, economic and cultural region. Such changes are remarkable in all sectors of society as to be almost impossible to think the Amazon without taking into account the internal and international migration that give the region an intense human mobility. The migration dynamics involve all dimensions of sociability and represent another possibility of reading and interpretation of the inserted Amazon in the complexity of the internal and international migration phenomenon in its various dimensions. The contemporary shifts circulate new production bases, technology transfer and knowledge.

Keywords:

Amazon. Migration dynamics. Changes. Human mobility.

* Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia - Universidade Federal do Amazonas; livre docente e bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (CAPES) lotada no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Contato: marcia.oliveira@ufrr.br.

Introdução

Os movimentos migratórios na Amazônia ainda são pouco abordados, tanto pela academia quanto pelas instituições que lidam com a temática da migração na Amazônia. A nova conformação da sociodiversidade da Amazônia configura características peculiares à mobilidade humana nessa região, merecendo uma abordagem mais aprofundada do ponto de vista dos estudos migratórios e do conhecimento científico.

Atualmente, há fluxos consideráveis de migração internacional nessa região adentrando a fronteira brasileira, desafiando o Estado Nacional a implementar políticas migratórias que correspondam aos desafios da intensa mobilidade humana na Amazônia. As principais dinâmicas migratórias caracterizam-se pela presença de peruanos em situação irregular, o deslocamento dos povos indígenas para as cidades, colombianos em situação de refúgio, o intenso fluxo de haitianos atendidos com visto humanitário, e a circulação permanente de migrantes internos mobilizados pelo trabalho, pelos conflitos socioambientais, ou por causas econômicas, políticas e culturais.

Nosso estudo aponta que a circulação interna ou intraestadual representa o principal movimento migratório direcionado para as maiores cidades da Amazônia, com destaque para a cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas. Nesta perspectiva, nossa pesquisa apresenta alguns aspectos pertinentes à conjuntura migratória na Amazônia, a fim de apresentar suas principais características e alguns elementos que proporcionam uma análise mais aguçada desse contexto migratório.

Para além das análises específicas vinculadas às teorias migratórias, nosso estudo apresenta a dinâmica da mobilidade humana como uma importante reminiscência interpretativa e representativa da Amazônia, que propomos aprofundar neste breve recorte¹.

Novas representações e interpretações da Amazônia contemporânea na perspectiva da mobilidade humana.

Na atualidade, muitas são as representações da Amazônia construídas a partir das várias áreas do conhecimento e da produção da ciência na região. Algumas interpretações primam pela abordagem dos naturalistas que pensam a Amazônia sob

¹ Refere-se ao primeiro capítulo da tese doutoral concluída em junho de 2014 no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

o prisma da sua fauna e flora em seu potencial, e da exuberância de seus recursos naturais ou dos problemas e entraves ambientais. Muitos são os autores que contribuem para essa abordagem. A título de exemplificação, destacamos os trabalhos do naturalista Louis Agassiz, em sua obra *A aventura à Amazônia*, fruto da expedição liderada por ele entre 1865 e 1866. Alguns críticos afirmam que Agassiz realizou um trabalho orientado pela teoria criacionista, que se opunha à teoria de Charles Darwin, e utilizou a Amazônia para exemplificar o que interpretou como “atrasos dos habitantes dos trópicos”².

Atraído pelo discurso sobre a exuberância da biodiversidade da Amazônia, o naturalista Henry Bates (1825-1892), estudioso de história natural, também esteve na região entre os anos de 1848 e 1859 e escreveu uma importante obra apresentando os resultados de seus estudos da região³, primando pelos aspectos naturais e pela representação da Amazônia em sua sociobiodiversidade.

Ainda no campo das ciências naturalistas, encontramos importantes estudos botânicos, geológicos ou geobotânicos (ARRUDA, 2003) *que elaboram representações da Amazônia baseadas na sua paisagem e flora, como na obra de Friedrich von Martius (1794-1868)*. Nesse quadro temático, os naturalistas Alexander von Humboldt (1769-1859) e Aimé Bonpland (1773-1858) representaram a Amazônia como a “hiléia brasileira” enfatizando a sua condição de floresta equatorial com uma referência à condição humana como resultante da relação com a floresta.

Outra significativa representação da Amazônia nos é apresentada pelos etnólogos em suas expedições pela região. De modo especial destacamos o trabalho do alemão *Theodor Koch-Grünberg* (1872-1924), que iniciou suas viagens pelo Brasil em 1896 como membro da expedição liderada por Hermann Meyer pelo rio Xingu. Em 1911 retorna à região para explorar o rio Branco (Roraima) e em 1913 chega ao rio Orinoco (Venezuela). Dessa expedição resulta um importante tratado etnológico originalmente publicado em alemão em 1917, *Vom Roraima Zum Orinoco, posteriormente traduzido ao português por Cristina Alberts-Franco (Do Roraima ao Orinoco)*, publicado no Brasil em 2006⁴. Nessa obra o autor descreve suas viagens com riqueza de detalhes e interpretações da região tendo por referência o pensamento ocidental, o que confere à sua etnologia uma representação da Amazônia baseada nas teorias comparativas.

2 Especialmente o filósofo norte-americano Willian James (1842–1910) que, mesmo tendo participado da mesma Expedição Thayer ao Brasil, questionou alguns estereótipos apresentados por Agassiz sobre os trópicos e seus habitantes.

3 BATES, Henry Walter. *O naturalista do rio Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

4 KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Do Roraima ao Orinoco, v.1: observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913*. Tradução Cristina Alberts-Franco. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

A Amazônia também é representada por seus ecossistemas, sua ecologia e territórios nos estudos geográficos, geopolíticos e econômicos como aqueles desenvolvidos por Becker (2005), que afirma que a Amazônia tornou-se a síntese contraditória dos modelos industrialistas e ecodesenvolvimentistas dominantes no final do milênio⁵. Na literatura, grandes obras elaboram representações da Amazônia como o “paraíso perdido” onde a floresta e as pessoas são vistas numa inter-relação como num grande mosaico elaborado, dentre outros, por Euclides da Cunha (1866-1909) que a descreve sob a forte influência da História Natural. Em sua obra sobre a região⁶ o autor expressa sua preocupação com a “ciência amazônica” que, a seu ver, somente se tornará possível mediante a divisão temática da floresta e seus componentes, acenando que “a definição dos últimos aspectos da Amazônia será o fecho de toda a História Natural”. Entretanto, é Euclides quem apresenta uma das primeiras representações da Amazônia baseada no contexto migratório, denunciando a omissão do Estado.

Recentemente, o projeto “A Amazônia dos viajantes: Ciência e História”, desenvolvido no Museu Amazônico sob a coordenação do professor doutor Nelson Matos de Noronha, resultou em um importante apoio teórico para a análise das representações da Amazônia construídas a partir do olhar dos viajantes (NORONHA, 2011). Nesta mesma linha de abordagem, os trabalhos de Ernesto Renan Melo Freitas Pinto apresentam-nos os traços principais da constituição do pensamento social na Amazônia, enfatizando que ao longo dos tempos foi estabelecido um “conjunto relativamente restrito de ideias” frequentemente acionado para “construir as representações passadas e presentes desse universo cultural” (PINTO, 2006).

Essas representações que listamos de forma aleatória e de maneira tão resumida dão-nos uma vaga ideia da vasta literatura das representações da Amazônia. Muitas outras obras e autores poderiam ser aqui descritas, entretanto, não é este o nosso objetivo. O que pretendemos é apresentar mais uma possibilidade de interpretação da Amazônia tendo por base a dinâmica da mobilidade humana na região, ou seja, o contexto migratório. Este propósito, que cremos ousado, não desqualifica de forma alguma os importantes estudos das migrações na região. Pelo contrário, nossa pretensão é partir dos estudos já elaborados e tentar avançar um pouco mais, talvez com novas possibilidades de análise ou apenas identificando possibilidades de aprofundamento. De qualquer forma, tentamos elaborar uma representação da Amazônia

5 BECKER, B. “Redefinindo a Amazônia: o vetor tecno-ecológico”. Em CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C. e CORRÊA, R. L. *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. Bertrand Brasil, 1996.

6De maneira especial as obras *Contrastes e Confrontos* (1907) e *À margem da História* (1909). Tomamos por base a publicação: CUNHA, Euclides da. *À margem da História*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006.

observando as mudanças, os “câmbios” como propõe o título de nosso trabalho, provocados pelas migrações na atualidade.

Partimos do pressuposto de que a dinâmica migratória também representa uma importante chave interpretativa da Amazônia e que os migrantes contribuem com a formação do mosaico da sociodiversidade dessa região de “mil rostos” numa miscelânea de culturas, experiências e subjetividades trazidas e levadas nos itinerários migratórios. Observando tais mudanças e analisando as chegadas e as saídas de milhares de pessoas num contexto que denominamos de “intensa mobilidade e permanentes deslocamentos humanos”, optamos por dar maior ênfase aos sujeitos ou pessoas em situação de migração, recolhendo deles e delas as pistas para analisar essa sociedade marcada por profundas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais.

Este estudo possibilitou-nos a identificação dos principais elementos propulsores da mobilidade humana na Amazônia, resultando em uma análise mais aguçada da temática, situando o panorama dos movimentos de migração interna e os processos que concorrem para a migração internacional. Além disso, faz-se necessário buscar novos elementos para se reelaborar o *conceito de migrante* na Amazônia, levando em consideração a mobilidade de indígenas, estrangeiros indocumentados⁷ ou irregulares, refugiados, ribeirinhos e outras categorias específicas da região decorrentes de novos acontecimentos, como a feminização da migração.

No decorrer da pesquisa visitamos e acompanhamos várias frentes migratórias nos arredores da Amazônia⁸, priorizando as regiões de fronteira. No Estado do Amazonas, centramos nossas pesquisas nos municípios que ora apresentam maior mobilidade migratória: Tabatinga, Manaus, Coari, Parintins, Itacoatiara, Manacapuru e Presidente Figueiredo⁹. No Estado do Acre centramos nossa atenção nas fronteiras por onde entram significativos fluxos de migrantes haitianos nos municípios de Assis Brasil e Brasileia. Passando por Rio Branco, identificamos algumas tentativas de elaboração de políticas migratórias ainda pautadas na restrição, no controle das fronteiras e na assistência emergencial. Nesse município chamou-nos à atenção a criação, por iniciativa do próprio governo do Estado, de um bairro só para haitianos,

7 Aquelas pessoas que se encontram em território brasileiro sem portar visto de permanência, resultante, principalmente, do ingresso pelas fronteiras que não dispõem de atendimento aos migrantes internacionais. Isso é resultado, dentre outros fatores, da ausência de políticas migratórias voltadas para as regiões de fronteira.

8 Nossa pesquisa de campo representa a continuidade de pesquisas anteriores realizadas na Amazônia, de forma sistematizada, na perspectiva dos estudos migratórios desde o final da década de 1990.

9 Especialmente na zona rural onde observamos a situação dos migrantes na mineradora da Vila de Pitinga e em duas áreas de assentamento rural: Canoas e Rio Pardo.

remetendo-nos ao mito das *cités-guetos* de Loïc Wacquant (2008, p. 17-18), que nos alerta que os guetos revelam os “quatro componentes do racismo: preconceito, violência, segregação e discriminação, e os imbrica numa mecânica de exclusão social”. No caso dos migrantes, todas essas formas de rechaço remetem às diversas formas e formatos da xenofobia.

Na cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, também observamos a situação de alguns grupos de haitianos, peruanos e bolivianos segregados em determinados espaços da cidade, em áreas de risco, de alagação e em condições precárias de habitação. No caso específico da recente migração haitiana observamos também alguns mecanismos de segregação quando relacionados com a postura do Estado, o papel da sociedade e das instituições dedicadas ao atendimento emergencial dos migrantes em situação mais vulnerável. Na perspectiva de Wacquant (2008, p. 138), entendemos que a migração nos permite “pensar” a Amazônia, “dissecar e compreender seus mecanismos” e, na medida das nossas possibilidades, nos reapropriarmos “intelectual e materialmente” das lições da mobilidade humana, num contexto aonde as migrações vêm provocando significativas mudanças e importantes reformulações nas relações sociais, políticas e culturais de toda a sociedade.

A mobilidade humana na Amazônia reproduz, em maior ou menor escala, o que vem ocorrendo em outras realidades e contextos nacionais e internacionais, nos quais, não raro, a sociedade se depara com a aversão a determinados imigrantes, considerados necessários, mas, não desejados. Tal mobilidade caracteriza-se por um intenso contexto de deslocamentos compulsórios resultantes de conflitos armados, opressão e perseguição política, pobreza, ausência de redes de segurança para as necessidades fundamentais, degradação do ambiente, desequilíbrios demográficos, fatores climáticos, processos acelerados de urbanização e a falta de participação nos processos políticos¹⁰. Todos esses fatores constituem um conjunto de causas que dão origem a uma emigração de fuga ao aviltamento das condições de vida. Entretanto, na raiz de todos esses processos é possível identificar um sistema de dominação econômica, com abrangência mundial. Segundo Heidemann (2004, p. 29), “não se pode falar de migrações, discriminação e resistência sem questionar os fundamentos do sistema produtor de mercadorias”. Ainda segundo o mesmo autor, “os mobilizados deslocados, os migrantes, foram socializados indiretamente como membros de uma sociedade produtora de mercadorias”.

As causas dessas migrações são os ajustes estruturais nacionais ou internacionais

10 Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes: *Nota Introdutória das Separatas dos discursos do Santo Padre e das declarações da Santa Sé sobre os refugiados e os deslocados* (de 1º de fevereiro de 2002 a 31 de janeiro de 2003).

que aumentam a onda de imigrantes indocumentados, que, não tendo perspectivas de vida em seus países, sujeitam-se às piores condições de vida nos países receptores e, o que é mais grave, sem poder exigir seus direitos¹¹. No panorama das migrações internacionais na Amazônia nota-se que as tensões vividas em torno da mobilidade humana revelam o paradoxo do sistema econômico globalizado que propugna a livre circulação do capital e, ao mesmo tempo, cria mecanismos de restrição à movimentação das pessoas. Com o avanço dos estudos, notamos que uma realidade relevante nos estudos migratórios na Amazônia é a *livre circulação* entre os países transfronteiriços. Esse fato é uma constante nos itinerários migratórios e se inscreve no conjunto dos processos de mobilidade humana em âmbitos regionais e internacionais. Essa dinâmica vem sendo intensificada na Amazônia com o ingresso de trabalhadores peruanos, com a entrada de refugiados colombianos e, mais intensamente, com o fluxo crescente dos migrantes haitianos atendidos de forma precária com o Visto Humanitário.

Os estudos das migrações transfronteiriças contribuem para ampliar a visão do espaço amazônico para além das fronteiras brasileiras e relacionam-se com a ideia de simultaneidade de tempos e espaços. Nesta perspectiva, as fronteiras dão lugar às transformações simultâneas em espaços nos quais as diferenças se evidenciam e tornam-se geradoras de conflitos culturais e sociais. Por outro lado, é na fronteira que as distâncias culturais se estreitam e as diferenças passam por um processo de reelaboração. Desta forma, na Amazônia as fronteiras “vão se constituindo como fronteiras étnico-culturais e onde experiências migratórias são vivenciadas de forma muito particular” (RODRIGUES e VASCONCELOS, 2010, p. 336).

A fronteira é entendida também como o divisor de águas determinante para a construção de novas relações que extrapolam as próprias linhas geopolíticas e estendem-se por outras regiões a partir do momento em que os migrantes adentram os países limítrofes. Para os migrantes as fronteiras geopolíticas e os limites geográficos são abstratos e complexos e estão relacionados com a construção da ideia de território ou territorialidade (HAESBAERT, 2004) que, via de regra, transcende as fronteiras geopolíticas institucionalizadas.

A abordagem dessas temáticas específicas possibilitou aproximarmos da elaboração de um breve *perfil dos migrantes* observando os itinerários migratórios e a dinâmica da mobilidade humana na Amazônia. Assim sendo, projetamos nossa elaboração teórica em duas grandes categorias: as origens e causas das migrações e, as

11 Comentários de Luiz Bassegio, da Secretaria do Grito dos Excluídos Continental, por ocasião da abertura do seminário intitulado “O Grito dos Migrantes”, em 24 de julho de 2004.

mudanças resultantes da dinâmica migratória tanto na sociedade de origem como nas sociedades de destino. Nesta perspectiva, o conceito de deslocamento espacial confere à migração um caráter interdisciplinar porque evoca a compreensão das variáveis do espaço não apenas fixo, mas, sobretudo, espaço de transição, de experiências, de sentimentos e vivências transitórias nos horizontes transnacionais e translocalizados.

As origens e causas das migrações na Amazônia, ainda são bastante complexas e paradoxais e representam um desafio aos estudos migratórios na região. Na pesquisa de campo identificamos que a procura dos meios de existência e subsistência e a garantia da sobrevivência representam os principais fatores de deslocamento de pessoas individuais e de grupos familiares, que partem com o objetivo de garantir uma possibilidade de vida melhor para si e para suas famílias. Nesta perspectiva, a categoria de análise que mais nos aproxima da explicação do fator migratório na Amazônia é a mobilidade do trabalho¹².

Para David Harvey (1996)¹³ “a crise do pleno emprego e o reordenamento internacional do trabalho”, também debatida por Antunes (2011) e Gaudemar (1977, p. 113), “constituem os principais fatores da mobilidade humana na sociedade pós-moderna”, onde a atividade laboral, apresentada como garantia da existência humana, se converte em outra categoria importante de análise das migrações. A permanente busca do emprego pleno ou de melhores condições de trabalho justifica uma parcela importante dos deslocamentos migratórios num contexto marcado pelas “rupturas e fragmentações internas” (HARVEY, 1996, p. 22) inerentes à mobilidade humana na Amazônia.

No debate da temática da “transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX”, Harvey (1996, p. 109 e 145) identifica importantes mudanças econômicas, novos processos de trabalho, novos hábitos de consumo e novas configurações geográficas num “regime de acumulação flexível” e de “transformações da estrutura do mercado de trabalho e na organização industrial”. Na Amazônia tais mudanças implicam diretamente novas configurações das migrações internacionais mobilizadas pelo trabalho numa realidade onde milhares de migrantes são deslocados em busca de trabalho em sociedades onde são necessários, enquanto força de trabalho, e indesejados, enquanto sujeitos em suas diferenças culturais, sociais e

12 Nesta introdução, apresentamos de forma breve esta categoria que será retomada de maneira específica em cada um dos capítulos de acordo com as temáticas analisadas.

13 Harvey nos apresenta a construção das novas espacialidades resultantes da busca de emprego nas grandes cidades como uma categoria importante de análise das migrações contemporâneas.

econômicas¹⁴. Tais categorias e diferenças puderam ser observadas e interpretadas a partir da elaboração do *perfil migratório* da Amazônia.

O perfil migratório da Amazônia

Desde 2005, o *perfil migratório* vem sendo apresentado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM)¹⁵ como uma ferramenta importante para melhor compreender a mobilidade humana em vários países, inclusive o Brasil¹⁶. Para a OIM,

Os perfis migratórios são uma ferramenta promovida, primeiramente, pela Comissão Europeia e logo adotada e desenvolvida em várias regiões com o objetivo de ajudar a enfrentar os crescentes desafios da gestão da migração; fomentar a compreensão das questões migratórias; alentar o desenvolvimento social e econômico através da migração; e garantir o respeito pela dignidade humana e bem-estar dos migrantes (OIM, 2010, p. 23).

O Perfil Migratório representa uma ferramenta metodológica que se aproxima da *práxis* pensada por Marx onde o “conceito dialético de totalidade é dinâmico, refletindo as mediações e transformações abrangentes, mas historicamente mutáveis, da realidade objetiva”¹⁷. Neste sentido, *perfil migratório* preconiza o entendimento da migração, tendo por base a análise e compreensão do sujeito mobilizado. No entendimento de Sayad (1998, p. 15) “a migração representa um fato social relacionado a outros fenômenos sociais” ou “um fato social completo” no qual “todo o itinerário do migrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas” (SAYAD, 1998, p. 15).

No entendimento de Sayad a condição de “itinerário epistemológico” confere ao migrante a representação de um horizonte em permanente elaboração e revelação do conhecimento que não está pronto nem dado. Neste sentido, é o “itinerário do migrante” que define as bases para a elaboração de um possível *perfil migratório* entendido como alguns delineamentos possíveis acerca dos migrantes e sua condição migratória na Amazônia. Entendemos por perfil migratório uma abordagem limita-

14 De maneira especial os migrantes indígenas das várias etnias enfrentam os impactos do rechaço nas grandes cidades da Amazônia.

15 Instituição vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU).

16 O primeiro perfil migratório elaborado no Brasil foi realizado em 2009 em parceria com a Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd) e o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

17 Dicionário do Pensamento Marxista, 1997, p. 381.

da, ou um recorte epistemológico, tendo em vista a complexidade das migrações e a impossibilidade de abranger a sua totalidade num contexto igualmente complexo como é o caso da Amazônia. Entretanto, o que apresentamos neste estudo não representa, nem de longe, um estudo fechado sobre a migração na Amazônia. O que apresentamos é, tão somente, uma contribuição aos estudos migratórios na região a partir de alguns recortes, definidos mediante nossas possibilidades limitadas de abordagem, e alguns levantamentos que nos possibilitaram traçar, de algum modo, uma possível elaboração de um *perfil migratório* bastante fragmentado.

Entendemos por *perfil migratório* o conjunto de características, os contornos ou as silhuetas, possíveis de serem delineados a partir das pistas que os migrantes nos oferecem ou deixam transparecer em seus itinerários migratórios. Em 2012, a OIM lançou uma nova proposta de elaboração do perfil migratório com a finalidade de “potencializar a utilização do processo e explicar em detalhes o que implica um perfil migratório, e como os governos e as instituições podem desenvolver e elaborar um perfil migratório”¹⁸ e manter atualizados os dados quantitativos e os referenciais qualitativos da mobilidade humana.

Mantendo o seu caráter metodológico, o *perfil migratório* é um importante instrumento institucional, mas, acima de tudo, é uma ferramenta teórico-metodológica que contribui para orientar e atualizar as análises e os novos paradigmas dos itinerários migratórios.

O *perfil migratório*, enquanto ferramenta metodológica aglutina informações interdisciplinares que contribuem para a compreensão do fenômeno das migrações em suas “determinações gerais”, direcionadas também “para as singularidades” dos diferentes grupos e contextos migratórios identificados durante a nossa pesquisa de campo.

Tendo por base essas orientações, construímos a proposta metodológica de nosso estudo levantando dados e informações pertinentes ao contexto migratório na Amazônia, observando as características da imigração e emigração, as condições do mercado de trabalho, as diásporas e remessas produzidas nos itinerários migratórios. Para traçar alguns breves aspectos do *perfil migratório* na Amazônia levamos em consideração aspectos sociodemográficos da região. Neste campo, levantamos alguns dados referentes às características de identificação dos migrantes tais como: idade, orientação sexual, estado civil, local de nascimento, escolaridade e informa-

18 Texto introdutório do Perfil Migratório 2012 apresentado pela OIM no plural “Perfiles Migratórios”, justamente para indicar a pluralidade e a complexidade da metodologia (Perfiles Migratórios, 2012, p. 10).

ções profissionais. Nesta variável observou-se uma intensa mobilidade interna e inter-regional com predominância para as grandes cidades ou centros urbanos onde, dadas as proporções, Manaus representa o principal destino migratório da região nas duas últimas décadas.

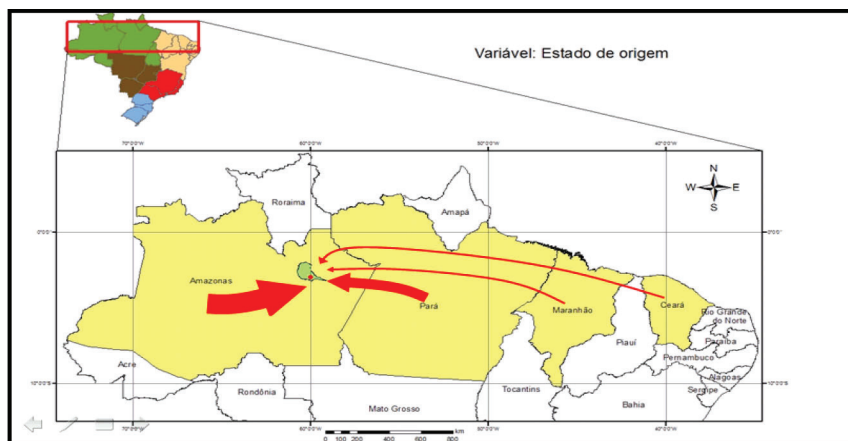


Figura 01: Mobilidade interna e inter-regional

Figura 1: Estado de origem dos migrantes recentes na cidade de Manaus entre janeiro de 2010 e janeiro de 2012.

Fonte: Danielle Pereira da Costa (2010, p. 139).

Nossa pesquisa de campo constatou que boa parte dos migrantes que se encontram em Manaus nos últimos cinco anos passou por processos de deslocamentos anteriores, dando seguimento à busca pelo direito à cidade. Ao abordar a origem dos percursos migratórios, a pesquisa indica que os estados que contabilizaram o maior número de registros de migrantes para Manaus foram: Ceará, Maranhão, Pará e os municípios do próprio Estado do Amazonas, porém, com intensidades de fluxo diferentes (conforme a Figura 1).

Na sequência dos processos de deslocamento primário, sucedem-se os deslocamentos internos configurando um processo de mobilidade intraurbana. Cerca de 40% dos migrantes abordados na pesquisa afirmam já ter residido em outro bairro antes do domicílio atual. Outros 38% afirmaram ter vivido em mais de quatro bairros da cidade, quase sempre percorrendo a direção dos bairros mais centrais para os mais periféricos ou para as ocupações urbanas recentes. Essa busca por espaço

na cidade pode estar relacionada ao que Soja (1993, p. 43) chama de “novas espacialidades” na qual os migrantes circulam em busca de um espaço definidor ou um “lugar ao sol” nas grandes cidades da Amazônia. Os moradores ocupam diversos espaços simultâneos durante o dia: lugar de trabalho, compras, estudos, lazer, visitas. Entretanto, trata-se de uma ocupação superficial sem vínculos ou sentido de pertencimento. A mobilidade intraurbana indica que as pessoas seguem em busca de um espaço de referência, moradia e relações sociais aproximadas¹⁹ compreendido como o espaço do ser, do viver e do sentir. Ou seja, o “direito à cidade” na perspectiva de Lefebvre (2004, p. 43) enquanto espaço que se torna mais que um lugar, atingindo a dimensão da cotidianidade.

Um componente importante na análise sociodemográfica refere-se à significativa mobilidade das mulheres nas mais variadas categorias migratórias da Amazônia. Num universo de 933 formulários aplicados aos migrantes em várias cidades da Amazônia, 522 ou 56% das pessoas se identificaram como sendo do sexo feminino, 402 ou 43% se declararam do sexo masculino, e 12 ou 1% respectivamente dos entrevistados/as se autoidentificaram como sendo homossexuais. Denominamos essa significativa mobilidade das mulheres de *feminização da migração na Amazônia*²⁰ e a consideramos como um importante componente do *perfil migratório*. A mobilidade das mulheres na Amazônia foi identificada em várias dinâmicas nos âmbitos intrarregional, intraestadual, internacional e transfronteiriço, que envolve principalmente os deslocamentos motivados pela busca de trabalho e melhores condições de vida. Entretanto, muitas mulheres são deslocadas por causa da violência doméstica e dos conflitos socioambientais, étnicos e políticos muito recorrentes na Amazônia.

Outra variável importante no *perfil migratório* da Amazônia refere-se à dinâmica da mobilidade internacional e transfronteiriça da região, onde os principais fluxos são formados por peruanos, colombianos, venezuelanos, bolivianos e, mais recentemente, pelos haitianos, que adentram as fronteiras do Brasil na Amazônia em direção às suas grandes cidades²¹ ou para estados de outras regiões do país²². Este

19 O desejo de relações aproximadas pode não ser verdadeiro no interior da grande cidade. Conforme nos mostra Engels, em sua abordagem sobre as grandes cidades da Inglaterra no final do século XIX (ENGELS, 2008, p. 68), onde afirma que o fato de morar ou viver próximos não indica necessariamente relações de proximidade.

20 A feminização da migração na Amazônia não é a temática central desse artigo, mas, considerada a sua relevância para os estudos migratórios na região, foi o tema do terceiro capítulo da nossa tese doutoral que pode ser lido na íntegra em <http://www.ppgsca.ufam.edu.br/index.php/dissertacoes-e-teses>.

21 Os levantamentos indicam que 70% dos migrantes internacionais que ingressaram na Amazônia nos últimos cinco anos concentraram-se na cidade de Manaus.

22 Em muitos casos a Amazônia funciona apenas como a porta de entrada no território nacional. O objetivo dos migrantes, nestes casos, é seguir viagem para outras regiões do Brasil.

fluxo é formado principalmente pelos chamados “migrantes econômicos”, que são deslocados em busca de trabalho, de estudo e qualificação profissional ou, ainda, por causa dos conflitos internos ou de crises econômicas que se abatem sobre os países de origem.

Os dados da pesquisa revelaram que as questões socioeconômicas representam um importante fator de deslocamento na Amazônia. Observamos nessa categoria os dados referentes ao trabalho, renda e remessas, ocupação no lugar de origem e no lugar atual; a situação financeira antes e depois da migração e a identificação das possibilidades de mobilidade social enquanto melhorias nas condições de trabalho e renda a partir da migração. A grande maioria dos migrantes afirma que a situação socioeconômica melhorou depois da migração. Entretanto, no caso dos refugiados colombianos, a maioria afirma que o deslocamento forçado deixou-os mais pobres e vulneráveis.

Um aspecto importante no *perfil migratório* refere-se à média de tempo para o ingresso no mercado de trabalho. Uma média de 72% dos migrantes internacionais que buscam trabalho na Amazônia, desloca-se sem referências prévias de emprego. Ou seja, na maioria dos casos não é acionado o visto internacional de trabalho. Algo muito parecido ocorre também com os migrantes internos que se deslocam sem ter em vista o primeiro emprego no destino migratório. Do universo de entrevistados, 69% dos migrantes internos demoram uma média de três meses e meio para ingressar no primeiro emprego. Isso revela elementos importantes nos processos migratórios, dentre os quais destaca-se o caráter compulsório das migrações na Amazônia com ênfase aos deslocamentos forçados pelos conflitos socioambientais.

De modo geral, desde a colonização, os grupos mais afetados nos conflitos socioambientais em toda a Amazônia são os povos indígenas que, na atualidade, representam os principais fluxos da migração forçada, especialmente no Noroeste do Estado do Pará, Norte do Mato Grosso e de Rondônia e no Sul do Amazonas. Bem por isso, percebe-se que o conflito socioambiental seria uma forma de resistência aos deslocamentos compulsórios e uma tentativa de acionar o direito, para além do poder do Estado e do Judiciário, como uma possibilidade de ser percebido como um instrumento de justiça e democracia nas mãos dos cidadãos e da sociedade. Ao acionar o direito como instrumento de luta em defesa dos interesses coletivos, os povos indígenas representam os anseios de toda a sociedade que aposta no direito como a expressão da autocompreensão e da autodeterminação dos cidadãos e em favor da cidadania. Situação parecida ocorre também com os camponeses da Amazônia, também denominados povos ribeirinhos, afetados pelos conflitos socioambientais.

Identificamos que os migrantes deslocados nos conflitos socioambientais na Amazônia encontram maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho nos destinos migratórios porque, na maioria das vezes deslocam-se diretamente para as grandes cidades onde o mercado de trabalho exige maior qualificação. De acordo com nossa pesquisa, 71,5% desses migrantes não possuem qualificação para o mercado de trabalho oferecido nos grandes centros urbanos, especialmente no que se refere à indústria e à construção civil. Isso faz com que muitos migrantes indígenas e camponeses/ribeirinhos permaneçam confinados nas periferias das cidades em condições precárias de moradia, trabalho e cidadania. A pesquisa revela que 82% dos migrantes indígenas e camponeses/ribeirinhos passam pela experiência do mercado informal de trabalho nos primeiros dois anos que se sucedem ao deslocamento antes do ingresso no primeiro emprego formal.

À guisa de conclusão

Neste breve recorte abordamos algumas das principais dinâmicas migratórias observadas na Amazônia contemporânea e apresentamos alguns elementos que contribuem para elaborar um possível *perfil migratório* da região. Por outro lado, concluímos que a análise das migrações na Amazônia nos possibilita compreender os processos de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais da região observada nos deslocamentos populacionais internos e internacionais intensificados na última década. Nesta perspectiva, as migrações representam uma possibilidade de interpretação e representação da Amazônia uma vez que os deslocamentos populacionais conferem à região importantes características e particularidades representativas.

Por fim, identificamos que os povos indígenas e os camponeses/ribeirinhos deslocados para as cidades da Amazônia encontram-se excluídos dos bens e serviços, dos direitos de acesso e privados do exercício pleno da cidadania. Isso faz com que a tensão que os acompanha desde o deslocamento se mantenha e retarde os processos de adaptação e mobilidade social, fazendo com que muitos se sintam migrantes mesmo depois de passados cinco, dez, vinte anos desde o primeiro deslocamento em processos contínuos de desterritorialização e reterritorialização precárias.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2011.

- ARRUDA, Maria Izabel Moreira. **Cartas inéditas de Friedrich von Martius**. São Paulo: USP, 2003.
- BATES, Henry Walter. **O naturalista do rio Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- BECKER, B. K. **Geopolítica da Amazônia**. São Paulo: Revista Estudos Avançados, Dossiê Amazônia Brasileira I., v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.
- COSTA, Danielle Pereira da. Migrantes urbanos em Manaus: perfil, percurso migratório e mobilidade intraurbana. In: SILVA, Sidney A. **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar**. Manaus: EDUA, 2010 (pp. 103-128).
- GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, 1977.
- HARVEY, David A. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HEIDMANN, Heinz Dieter. Deslocamentos populacionais e mobilidade fictícia: a razão fetichizada do migrante e do seu pesquisador. In: SILVA, Sidney Antonio da. (org.) **Migrações, em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar**. Manaus: FAPEAM, EDUA, 2010.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução: R. E. Frias. São Paulo: Centauro, 2004.
- NORONHA, Nelson Matos de; CARVALHO JR., Almir Diniz de. (orgs.) **A Amazônia dos viajantes: História e Ciências**. Manaus: Edua, 2011.
- OIM - Organização Internacional para as Migrações. **Perfil Migratório do Brasil**. Geneva - Suíça: OIT/OIM, 2010.
- PINTO, Ernesto Renan Melo Freitas. **Viagem das Idéias**. Manaus: Editora Valer, 2006.
- RODRIGUES, Francilene dos Santos e VASCONCELOS, Iana Santos. **Migração, gênero e empoderamento das migrantes na Pan-Amazônia**. Boa Vista: Textos & Debates, n.18, p. 251-268, jan./jun. 2010.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Tradução: Vera Ribeiro (da 2ª edição em inglês). Revisão técnica: Bertha Becker e Lia Machado. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.
- WACQUANT, Loïc J. D. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.